

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Correio Brasiliense

Class.: 63

Data: 14.08.80

Pg.: \_\_\_\_\_



Foto: SERGIO MARQUES

O cacique Raoni voltou a ameaçar: "Mataremos os invasores brancos"

**Revolta dos índios vai continuar**

O conflito entre brancos e índios no Parque Nacional do Xingu poderá alastrar-se diante da informação recebida ontem pela Funai de que mais sete grupos indígenas participaram do ataque aos pedes que desmatavam uma área na reserva. De acordo com informações prestadas ontem pelo chefe Txukarramãi, Raoni, e por seu sobrinho, Megaron, 91 índios participaram na última sexta-feira do ataque que resultou na morte de 11 pedes que realizavam trabalhos para fazendeiros, dentro da Reserva Indígena do Xingü, no estado do Mato Grosso.

De acordo com Megaron, que ontem foi recebido pelo presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, existe muita tensão na área e o medo de que o conflito se alastre, explicando que se os brancos voltarem a entrar na reserva os índios farão novo ataque. A Funai propôs que os Txukarramãi esperem até julho do próximo ano para que as medidas sejam efetivadas. Isso não agradou aos chefes indígenas, que não acreditam na aceitação da proposta pelos demais membros da tribo. Constam ainda do acordo proposto a desapropriação de fazendas, a criação de um parque florestal e o desvio da rodovia BR-080, que liga Brasília a Cachimbo. (Página 9)

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Correio Brasiliense*

Class.: 63

Data: *14.08.80*

Pg.: \_\_\_\_\_

# Clima continua tenso no Xingu

*Acordo proposto pela Funai não agrada aos chefes indígenas Txukarramãi*

AVELINO DO VALE

O conflito entre índios e brancos ao norte do Parque Nacional do Xingu poderá alastrar-se. Ao contrário do que informara a Fundação Nacional do Índio, não apenas os Txukarramãi, mas também guerreiros de outros seis povos indígenas, em um total de 91 índios, participaram do ataque fatal para 11 peões que desmatavam uma área a cinco quilômetros da margem do rio Xingu, em Mato Grosso, sexta-feira passada, dentro do território tribal dos Txukarramãi. Se esse território for novamente invadido, os índios poderão matar os que para si serão novos invasores.

"Eu e meu tio Raoni não estamos satisfeitos, porque nós pedimos pro presidente da Funai ir lá na aldeia, conversar com os outros chefes índios. Porque não adianta só eu e meu tio fazer esse acordo. Tem que ser com os outros chefes, também, estar de acordo com nós e com o presidente da Funai. Se invadir, eu não posso me responsabilizar por eles. "Essa advertência, foi feita por Megaron, depois que o presidente da Funai anunciara um acordo com ele e o outro chefe Txukarramãi, Raoni, trazidos a Brasília pelo órgão. Apesar de, sob protestos dos jornalistas, ter sido insistentemente puxado pelo braço por funcionários da Funai, que há haviam retirado do local seu tio Raoni, Megaron finalizou: "Quem é responsável por esse ataque é a Funai e os fazendeiros".

O anúncio do acordo foi feito pelo presidente da Funai, coronel João Carlos Nobre da Veiga, no auditório localizado no 10º andar, da sede da Autarquia, após uma reunião de três horas entre os dirigentes do órgão, e os índios, mais um membro do Conselho de Segurança Nacional, major Reis, e um representante do SNI, o coronel Cleith, segundo informou-se extra-oficialmente. Ao final dessa reunião, com seis chefes indígenas - além dos dois Txukarramãi, um Trumãi e três Mekragnotire -, registrara-se um primeiro incidente entre jornalistas e os funcionários que guarneciam a sala do encontro, no segundo andar, vedada para a imprensa. Os funcionários não queriam permitir fotos à saída dos participantes da

FOTO: SÉRGIO MARQUES



Raoni, insatisfeito, ouviu Nobre da Veiga quase sem falar

reunião.

Segundo revelou Aruaiavi, líder Trumãi que estava entre os 91 guerreiros que atacaram e mataram os 11 peões em Mato Grosso, além dos Txukarramãi, e dos Trumãi, o grupo era integrado por índios Suyá, Juruna, Kayabi, Mekragnotire e Kreen-Akarore. Aruaiavi confirmou o desmentido feito por Raoni às primeiras informações da Funai, segundo as quais o chefe Txukarramãi participara do ataque, comandando-o.

No início do encontro no auditório, confirmado pelo próprio presidente da Funai, Raoni revelou inicialmente que os guerreiros não pretendiam matar os peões, apenas afugentá-los. Conforme Megaron que também não participou do ataque, e, ainda, Aruaiavi, guerreiros Txukarramãi, lembraram-se na ocasião do assassinato de um primo feito por peões, passando então a matar os trabalhadores, dos quais apenas um conseguiu fugir. Os outros cinco do grupo de 17 peões estavam embrenhados no mato, fazendo desmatamento, e por isso escaparam. Com os 11 peões mortos,

segundo Aruaiavi foram encontrados cartuchos de cartucheiras.

### O ACORDO

O acordo enunciado pelo presidente da Funai, segundo revelou Aruaiavi, prevê que os índios esperam até o 1º de julho do próximo ano para que as medidas propostas em torno de parte seu território tribal comecem a ser efetivadas. Durante esse tempo, a Funai pretende, ainda, que os índios permitam a presença e passagem de brancos pela área. Aruaiavi disse que os índios Txukarramãi dificilmente aceitem as duas propostas.

O presidente da Funai enunciou três pontos com constituintes do acordo: a desapropriação de um número que ainda não soube informar de fazendas, entre elas a Agropexim, localizada no território tribal, através de desapropriação; a criação de um Parque Florestal em uma faixa de dimensões igualmente não precisadas e, finalmente, o desvio da rodovia BR-080, Brasília-Cachimbo. Depois, Nobre da Veiga indicou ser de 1971 o Decreto-Lei presidencial que alterou os limites do

Parque do Xingu, em função da BR-080, ao ser questionado sobre uma revelação do antropólogo Olímpio Serra, ex-diretor do Parque. Segundo Olímpio Serra, a área à direita do rio Xingu, embora não demarcada, como a esquerda, é oficialmente reconhecida como área indígena no Decreto.

Anteriormente, em abril passado, Nobre da Veiga fizera um acordo escrito com Megaron e Raoni, pelo qual solicitava tempo, sem prazo, para ser estudada a solução do problema fundiário dos Txukarramãi. O antropólogo da Funai Rafael Bastos, em parecer sobre o acordo considerou-o inconsistente, além de ilegal. Advertiu a direção do órgão para o perigo de conflitos no Xingu, o que já fizera há mais de um ano antes, advertindo que para os índios um papel não os evitaria, como acabou por acontecer. Pouco tempo depois, o antropólogo foi demitido. Segundo Nobre da Veiga, a Funai chegou a advertir os fazendeiros para evitar ingresso na área, embora dispondo eles de certidão negativa da existência de indígenas na região, fornecida pela própria Funai, em 1973.